

BUFÕES CONTEMPORÂNEOS

Texto escrito a partir da peça *Comic Sans Brazil*, montagem do Poncâ Coletivo (CEFART), apresentada na programação do FETO na FUNARTE-MG em 22 de outubro de 2022.

- Por Henrique Vertchenko -

Talvez, um dos grandes desafios do teatro contemporâneo resida no modo em que se estabelecem as relações entre os impulsos apaixonados daquilo que se quer dizer e a forma encontrada para que se dê essa transmissão. Esta “equação” inexata permite escapar, se assim for desejado, aos discursos escancarados que justapõe a mensagem social e política à cena de modo previsível para deleite de um seletivo grupo de previamente convertidos.

A peça *Comic Sans Brazil*, do Poncâ Coletivo, formado por alunos do CEFART dirigidos por Thálita Motta, proporciona experiência onde esses dilemas se apresentam através de recursos bem elaborados, o que faz com que o público não preveja aquilo que vai ver, sendo introduzido em um universo de imagens e ações estranhamente fascinante, que vai aos poucos permitindo associações sutis e mais ou menos livres com os absurdos do Brasil contemporâneo. Isso é possibilitado por uma bem-cuidada pesquisa de linguagem, cuja teatralidade é assentada na exploração do clownesco, da bufonaria e do grotesco, cuja capacidade de tocar em questões atuais sem formular teses é sabidamente reconhecida.

Desde a fila para a entrada, o público é interpelado por figuras insólitas mascaradas com meias ou tecidos cobrindo o rosto, perucas, apliques e bocas exageradas que tornam as silhuetas disformes e o encontro marcado por alto grau de estranheza, o que é acentuado pelas falas somente em gramelô ao longo de toda a peça. Dentro da sala, onde há perucas loiras dependuradas ao fundo, o conjunto faz desfilar uma série de ações marcadas por jogos de crueldade, submissão e obediência, cujo funcionamento se dá a partir de dinâmicas rítmicas com padrões de repetição, velocidade e rupturas. Em meio a risadas e choros bizarros, inesperados e desenfreados, as figuras assistem algo que parece ser uma transmissão cinematográfica com óculos 3D, comem pipoca, têm uma aula de ópera, jogam futebol com salto alto, performam um balé lançando farinha para o alto e, aquilo que talvez seja o guia encadeador de todas as movimentações, partilham um banquete onde são servidos somente alguns gomos de mexerica com pitadas de farinha em pratos e talheres forrados por espécie de pelúcia. Pode-se perceber que o bagaço e o prato vazio provocam um engasgo que dispara a intensificação das ações.

Neste cenário, em que somos defrontados por bufões contemporâneos, cada um com suas características particulares, há uma atmosfera de futurismo apocalíptico que contraditoriamente flerta com traços de um passado que remete aos anos 80, trazidos sobretudo pelos óculos 3D e pelas canções em alemão que sugerem um universo underground. As associações ao Brasil contemporâneo são introduzidas aos poucos: há uma versão funk do hino nacional; um jovem negro de vermelho que passa atrás de todo o caos com ânsia de vômito sem ser ao menos percebido; uma mulher com roupas de couro e máscara que deixa apenas a boca à mostra (em evidente alusão sadomasoquista) que luta para se desvencilhar da cadeira onde está amarrada e, quando o consegue, “atira” com as mãos e ri desenfreadamente enquanto tentam contê-la com o ensinamento da leitura de um livro. Ao finalmente aprender, ela lê as palavras “*Liberté, Egalité, Sensualité*”, o que dispara o êxtase final libertador caracterizado por mexericas para serem comidas à vontade e com voracidade, pela luz e música de boate, pela mulher antes amarrada agora extravasando sua sexualidade e pelas conhecidas palavras do ministro do STF Luís Roberto Barroso, “Me deixe de fora desse seu mal sentimento...”. Por fim, como última imagem do espetáculo, uma atriz negra vomita um tufo de cabelo loiro engasgado.

Não se deve deixar levar pela aparência de simples caos evocada pelas imagens enumeradas neste texto. Há rigor técnico na desmesura e na estranheza, o que faz com que o mundo construído em *Comic Sans Brazil* convide o espectador a perceber o quão absurdo anda o Brasil atual. Esses bufões contemporâneos são, assim, algo como um espelho distorcido, que através do escárnio e de imagens não óbvias, bestiais e desfiguradas, têm a potencialidade de desestabilizar as recepções do público e de embaralhar os limites entre o cômico e o trágico, despertando, quem sabe, o senso de reavaliação dos lugares sociais e estéticos estabelecidos.